

Release para o disco Alvin (BMG - 1997)

Hermano Vianna

Há muitos anos, talvez numa das primeiras vezes que nos encontramos, Alvin (o artista) me disse que sua cena preferida, não me lembro se de toda a história do cinema ou de toda La Dolce Vita de Fellini, é aquela da festa, no final do filme, em que uma loura peituda se oferece para animar os convidados entediados. A tradução proposta pela dublagem brasileira é sensacional: “Se vocês colocarem um som da pesada, eu faço um strip-tease legal...” Outra loura, certamente menos peituda e com menos vontade de ouvir um som da pesada, responde na lata: “Oh! Não novamente, nós já vimos você nua.” Para Alvin, esse pequeno diálogo resume com exatidão o estado emocional de uma certa (nossa) humanidade pós-moderna, para a qual a oferta de escândalo, já tendo experimentado todos os mais estranhos tipos escândalos e de vanguardas, só pode provocar tédio e bocejos.

Revi essa cena inúmeras vezes. Fiquei impressionado como ela tinha me passado despercebida na primeira vez que assisti ao filme. Fiquei mais impressionado ainda com o olhar de Alvin (o artista), e sua capacidade de detectar - não só num filme, mas diante da vida cultural contemporânea - as menores coisas que explicam tudo, os pequenos detalhes (como já disse Roberto Carlos) que tornam evidentes nossas maiores fragilidades e nossas mais escondidos desejos. Alvin (o artista) se transformou num dos meus guias prediletos para apontar o que realmente interessa num mundo pop onde as experiências mais radicais já nascem datadas, e tudo parece não ter mais nenhum interesse. E Alvin (o disco) é seu tratado mais completo na tentativa de mapear - através de crônicas de nosso mais íntimo cotidiano - a sensibilidade pós-tudo: como viver, como pensar, como amar, ou como apenas se divertir, quando já se experimentou tudo (Are you experienced? Claro que sim... E daí?). Talvez seja essa a tarefa que o melhor da música pop, desde os anos 60 (La Dolce Vita é de 1959), busca realizar.

Diante dessa doce e trabalhosa vida pop, há duas reações clássicas: alguns artistas procuram desesperadamente reencontrar (nem que seja nos breves três minutos de uma canção) a autenticidade perdida, a sinceridade imaculada. Compartilho com Alvin (o artista) de um gosto pelo outro lado do pop, justamente aquele que sabe que não há volta - nem descanso sincero - e que “é no perigo que reside a salvação”. Esse lado está plenamente representado no “lado B de Ziggy Stardust” e no lado A de Aladdin Sane, no Velvet Underground e em quase tudo de Lou Reed, nos primeiros Roxy Music, no Pet Sounds dos Beach Boys ou no Never Mind The Bollocks dos Sex Pistols. Esse é o básico do rock, a receita da busca de um “guitar pop” perfeito.

Alvin (o disco) tem essa urgência e esse artificialismo do básico, do que aparentemente não tem enfeites, é simples, mas que nas suas entranhas revela um perfeccionista e complexo trabalho artesanal de estúdio. É um alívio, nessa altura do campeonato pop, escutar um disco que não propõe fusões revolucionárias de ritmos, nem é techno-qualquer-coisa, nem tenta ser “brasileiro”. Nada contra fusão, techno ou “brasileiro”: o “básico” de Alvin (o disco) só é alcançável e só faz sentido quando todas essas experiências (“todo mundo já viu você nua...”) se tornaram o pão nosso de cada dia de consumo musical. O “básico”, em sua busca da canção pop perfeita (a nova versão de Não Sei Dançar, depois de ter passado pela prova consumista da rádio, deixa evidente essa perfeição), nos faz entender e apreciar com mais sabedoria (e não apenas porque “jungle é a onda”) tudo aquilo que tenta superá-lo.

Esse “básico” pode muito bem ser o que nós (adorei ouvir, em palestra recente, o escritor africano Kwane Anthony Appiah falar de si próprio e seus amigos - contra todas as tentativas de aprisionamento num gueto terceiro-mundista - como “nós, cosmopolitas”) temos de mais próximo

àquilo que antigas culturas chamavam de “raiz”. Uma “raiz” que não está enterrada em local algum do planeta, mas tem fragmentos em Dunedin, no extremo sul da Nova Zelândia (terra do selo Flying Nun), ou na Tower Records de Cingapura (terra de X’ho, o David Bowie do sudeste asiático). Não é à toa que na hora de fazer um cover, Alvin (o artista) escolhe Iko Iko, uma música “quase” tradicional que está na “raiz” do rhythm and blues de Nova Orleans, estilo com lugar problemático e excêntrico na história do pop norte-americano. Não é à toa que o funk de http é escancaradamente Bowie e não Funkadelic. E a Praia dos cocos, “quase” havaiana-presleyana, parece ser vizinha de uma Bora Bora construída nos estúdios de Coppola. E em Aprender, minha música preferida (pelo menos nas primeiras audições) de Alvin (o disco), de um lado “escolas de samba, pimenta e dendê”, e do outro “o lado B de Ziggy Stardust”, tudo isso cumpre a mesma função: servem para ensinar, o que nós (“cosmopolitas”) nunca vamos aprender.

O que aprendemos então? Alvin (o artista) me disse que pretendeu, com Alvin (o disco), fazer “um A a Z de sentimentos”. Pela primeira vez, o eu das suas composições é seu eu mesmo, o eu de Alvin (o artista - obs: nunca soube seu nome real, nem nunca achei que essa informação seria muito relevante), e não mais o eu de personagens, como as que ganhavam vida nas canções dos Sex Beatles. Mas é claro: quem já passou por La Doce Vita ou por Ziggy Stardust, por mais que nunca aprenda nada, não pode deixar de ter uma desconfiança profunda com relação a qualquer possibilidade de expressão sincera de sentimentos. O eu de Alvin (o disco) é um eu contraditório, que não tem certeza sobre o que sente diante do mundo, e prefere sentir tudo ao mesmo tempo: “é um mundo novo, ninguém sente mais dor” (24 dias por hora); “eu não sinto nada, demais” (Setembro); “na minha mão todo o medo do mundo” (Hemingway); “ele acha que sou louco, errou por pouco, não sou tão livre assim” (Ele); “eu era leste, oeste” (http), “às vezes eu quero chorar, mas o dia nasce e eu esqueço” (Eu não sei dançar).

A contradição ou o problema está não na falta mas no excesso, no indefinido que poderia ser qualquer coisa, sentir qualquer coisa. Não adianta tentar escapar dessa condição (chamá-la de pós-moderna não vem nem ao caso) escamoteando-a com o disfarce pouco convincente de uma cruzada anti-ironia, ou anti-pop. É preciso deixar tudo claro, explícito, como faz Alvin (o artista e o disco).

PS: Escutar Alvin (o disco) me deu uma saudade enorme de Renato Russo. Nas festas que comemoravam nossos aniversários (somos todos arianos, acho que do mesmo ano), foi com os dois, Renato e Alvin (o artista), que eu tive os melhores debates de minha vida sobre o passado, o presente e o futuro do rock. Adoraria ouvir o Renato dando sua opinião sobre Alvin (o disco). Serveria para me ensinar o que realmente importa na cultura pop. Pena: eu nunca vou aprender.